

Não se aprende a mergulhar sem antes ter caído à água

[excerto de fragmentos]

Augusta Corrêa

(Rio de Janeiro 1905 – Paris 1977)

Traduzido por Abel Zorgão ^{a)}

– **Was ist der Archipel?!**

– **Well, an archipelago is...**

Foi-nos apresentado a todos o *Globo* mediante várias representações e imagens do seu interior e exterior (internado¹). Tratamo-lo(a) pelos seus vários nomes próprios, *acopulando-lhe* os apelidos de cada um. Incessante é esse impulso perpetuamente iniciante de re(a)presentá-lo(a) no eterno princípio de *dar forma*, (nunca) concebendo identidade (nunca) concedendo unidade. Não poderíamos representar *isso* como um imenso arquipélago intercontinental? Os solos das terras da Terra – crostas da *crusta* – constituirão “o” arquipélago? Deverá interessar-nos a diferença entre “continente” e “ilha enormíssima”?

Superada um^a fugaz Pangeia, quais os limites para o arquipélago? Terá *fim*² num *mundo* esferóide.(?)

1 Como “Eu”.

2 Ou uma finalidade finita de fins [*telos*] finalizados.

Equilibrados no que é oculto, “*deduzimos*”: Todas as ilhas estão ligadas por terra lá nas profundezas inabitáveis (impensáveis) do mar. Não será a superfície terrestre uma cordilheira colossal cheia de água até (in)niveláveis níveis zero? – ora muito acima de alguns montes, ora muito abaixo de alguns vales, trémulas *linhas* costeiras de oscilante *preamar*.

(in)*Imagine-se* (!) uma Terra sem água (“inimaginável”!), poder-se-ia então *falar* de “arquipélago”, “ilha”, “continente”? Que conceito de isolamento³ existiria? Certamente que haveria (o) “um”. O que é *isso* que tem de fazer companhia para que (h)aja “só” ? (*comum* para que (h)aja individual?) Que mar é este (esse *mesmo* mar, este mesmo!, o do arquipélago) que faz companhia para que haja solidão?

Imagens da Terra: “Unidade” esferóide – uma ilha no espaço exterior – elemento de um arquipélago de planetas, o *sistema* solar – arquipélago que também ele se faz ilha de um arquipélago maior, a via láctea – e assim, *sucessivamente*, fabrica-se no *tempo* o espaço sideral, o infinito. (*Imagens* do infinito: “Unidade” dispersa, paradoxo da reunião, nome magnético – finito – a que se agrega toda a desagregação.) Nas “regressões infinitas” como esta, há um *pathos*, que teima em emergir como matriz, como arquétipo: o pensamento funciona à base de “arquipélogação”⁴. Quando pobremente crido como movimento “associativo” o pensar reduz-se à condição de gregário da agregação, a um agrupamento, mero raciocínio – *erotizado* como causador do nexos causal⁵. Mas os arquipélagos da mente não se deixam cartografar por mera *subsunção*, são *animados* por forças que não reduzem as ilhas a meras entidades objectivas. Pelo contrário, desobjectificam-nas, desconceitualizam-nas – o espaço virtual da *psique* (entenda-se: o “es-

3 Na língua portuguesa, “ilha” surge de um corte com um eventual étimo grego, do qual, por exemplo, o castelhano “isla” está mais próximo. Mas os espanhóis também têm “isla”, e os ingleses uma “island”, curiosamente homófona com “highland”. (*Mistérios sem enigma*, sem nexos apurável, no fundo do poço que serviu de berço à cultura, perfuração de exterior a exterior, de fora a fora da linguagem.)

4 Qualquer dia inventam[_os] uma “arquipelagologia”, código baptismal para uma ramificação epistémica com pretensões a « ciência (“humana”) que estuda a força do mar do pensamento como impulso primordial para a “arquipélogação” em “estados de consciência” ».

5 “Necessidade causal”: uma inevitabilidade, uma *heroicização* trágica da lógica que degenerará, tarde ou cedo, em *lamento*.

paço”, só) implica outra *disciplina* topográfica (chamar-lhe um tipo especial de *mapeamento* já é ser demasiado crédulo). A consciência está inundada, e isso é um estado climatérico *antigo*, metereologicamente irrompido em todas as suas *modernidades*. As cheias ensopam as ilhas do *eidos*, deformam-(n)as, *informam-nas*, enformam-nas. Os ventos marítimos afundam as barcaças do *logos*, rasgam os *tecidos* das velas – por excelente que seja a tecedura desses têxteis, por minuciosa e intrincada que seja a textura, por refinado que seja o texto. O *técnico* traz o motor, mas as correntes arrastam tantas algas, pedras, areia, *terra* (a mesma que se quer seca, na ilha), que a hélice tecedeira não tem outra saída senão encravar-se (*nela própria*) com maravilhosos corais, e espantosos seres marinhos – jóias que sempre foram suas. Nada no ânimo bloqueando-se pelo espanto com que é vivo e aquático, e entorpece-se com o tombo cadavérico dos seres terrestres arrastados até si pela enxurrada – e todos sabemos que o dilúvio não poupa nem aves, nem insectos voadores, nem os mais prodigiosos **Helicópteros**.

O arquipélago não se deixa *tecer* porque o mar é signo inviabilizante dessa “tecedura” na *ordem* simbólica – o seu fluxo expressivo é demasiado líquido para obter textura. O tecido rompe-se sempre quando deseja conceptualizar o mar – *sujeitá-lo* – como objecto de conhecimento. Por isso é sublime – não por ser desmedida, não por ser medida, mas por estar *entre* o mensurável e o incomensurável. Não há *texto* para (a *poesia* do) arquipélago, porque esse “mar de paradoxos” é o regedor anárquico, a ordem natural, o legislador entrópico do *jogo*.

« ... Etimologicamente, o síndrome “arkhi†pélagos” é de origem viral, mas o diagnóstico é controverso. Apoiados apenas em dados clínicos, *suspeitamos* que *parece que aparece* por contracção do prefixo “arkhi-”, estirpe venérea do vírus “arkhe” (: “regra”, “lei”, “princípio”, “início”), que é multi-resistente apesar do seu contágio ser lento. O paciente com “arkhein” manifesta sintomas dos verbos “legislar”, “ordenar”, “regrar”, “dar início”, “iniciar”, “principiar”, “dar princípio”, “dar os princípios”, em quadros como “ordenar a regra do princípio legislador”, ou ainda “iniciar com ordem um princípio, dando-lhe legislação”. Estima-se que teve foco epidémico inicial na orla de Bizâncio, onde a genética apurou uma incidência do presente do indicativo “arkhon”, gene grego do qual deriva a mutação “arkhos” (: “chefe”, “legislador”, “regente”, “líder”, “ordenador”), que

observamos na maioria dos surtos de “arquitectura”, “Arquimedes”, “arquetipo”, “arquimestre” – efeitos de *causa* mais apurável.

Mas apesar da validade destes dados, a *causa* de “arquipélago” continua por demonstrar e ainda não foi directamente observável por nenhum *método* laboratorial, pelo que – para bem de todos nós – permanecerá *indubitavelmente* inconclusiva.

A disseminação galopante da pandemia acelerou no último milénio. Continuamos a dispor dos princípios activos “anarkhia” e “anarkhos”, mutações *domesticadas* do vírus para *fabricar* as vacinas. Mas ao contrário do vírus (que aliena, pacifica e conforta, aumentando a esperança média de vida) a terapêutica pode ser letal, ou até – como acontece na maior parte dos casos – potenciar o risco de liberalismo agudo em caso de reversão.

O sintoma “Pélagos” é consentâneo com a crença de que os primeiros contágios se deram pelo contacto com o “mar”, em especial o “mar Egeu”, alargando-se posteriormente a “alto mar” e “mar aberto” ... »

Mar Chefe

Pensar “arquipélago” obriga-me a imaginar o mar como um espaço – e um tempo – “intersticial” que separa/une enquanto une/separa (-une/separa *porque* separa/une-), que reúne/dispersa ao dispersar/reunir. Um mar *entre* ilhas retém em si a ambiguidade de tudo o que *está entre*, de tudo o que *é* entre. *Ser* intervalo – estar na *situação* de *interrupção* – não se coaduna absolutamente com a *ideia* de “interrupção”. É uma contradição paradoxal esta, projectamos um não-ser que tem de ser, afirmativamente, para ser não-ser, para afirmar uma negatividade. O que intercala e *medeia* “não pode ser «não»”, *não* pode ser “nada”, tem de ser-*ser*. (– Cómico jogo de palavras, nomeie-se: chamar-lhe-ei “humor aquoso”, tem tudo que ver com o olho, quando se trata de distinguir ver/idades.) *Entre* é o que intercala, mas o mar do arquipélago agudiza o conceito de intervalo para um *entre* que extrapola um *estar* entre-dois, entre-três, entre-nove ilhas. *É* “entre-*todas* as costas

do *globo*”, porque é um *mesmo, total e holístico* “mar”, que remete cada ilha e cada continente para um mesmo arquipélago.

Todos nós, ilhéus, « “~~Sabemos~~ Sentimos...” »⁶ *como* (– *Wie*⁷ –) essa intermitência polar entre encapsulamento e total abertura nos é reservada pela linguagem. Não ~~sentimos~~ sabemos *o que é* (– *Was*⁸ –) *isso*.

“O mar enrola na areia” numa homeostase frágil, por vezes tão convidativa (*ve-rão...*) mas sempre com os caprichos histéricos naturais à natureza, que de quando em vez lá se enfurece revelando a amplitude desmedida dos seus pólos – *é assim*⁹. Rebelar-se – em nós – quando ameaçada pela sujeição a “objecto de conhecimento”. Está(-se) em constante combate com *todas* as margens, e esse diálogo, até quando ameno, é igualmente combativo.

Facilmente reconhecemos que o mar, na sua fluidez, não convive pacificamente com a noção de “limite”, apesar de *sê-lo*. Digamos que co-habita com a margem num equilíbrio sustentável – mais *cm*¹⁰ menos centímetro cúbico, vencido ao ar distraído, menos *m*² mais metro quadrado ganho ao solo, *mais* erosão furada à rocha, *mais* areia roubada à pedra. Ondulações de sentido único, o seu *limite* dá-se no culto do *idêntico* pelo cultivo da transitoriedade – a sua métrica é monótona ou hipnótica pela copiosa inconstância dos ritmos do devir. *De novo / nada* há na tempestade, \ “nada” / de novo[,] traz a bonança. Inéditos, apenas os *efeitos*, catás-

6 Aproprio-me da grafia correctiva utilizada por **W** diante dessa tensão conceptual entre *saber* e *sentir*. No manuscrito (MS104) lê-se: « “O impulso para o místico decorre da não-satisfação dos nossos desejos pela ciência. ~~Sabemos~~ Sentimos que mesmo que todas as questões científicas *possíveis* fossem respondidas, *o nosso problema não seria ainda sequer tocado* [os nossos problemas da vida não seriam ainda sequer tocados]. Naturalmente, não restaria, então, mais nenhuma questão; e essa é, justamente, a resposta.” »

7 *Wie*, *Was*, **W**.

8 *Was*, *Wie*, **W**.

9 Aquele *assim* a que já nos aproximámos com **W**, que não deixa mais *vagar* e que é puramente constatável, *satisfaz* por auto-suficiência, não permite dúvida nem inferência, é pleno, idêntico, é *mesmo*. Foi esse *assim* epifânico que Hegel terá *sentido* perante a montanha? Conta-nos Alain, em *Propos sur la nature*, que Hegel pode apenas *dizer* « ...: “C’est ainsi.” ... » “Um *mesmo* “*assim*”? É *1*? Sendo a montanha tão diferente do mar (do pensamento)?

10 ³cúbico

trofes *idênticas* ao catastrófico de todas as catástrofes. O mar insiste em impor a violência da identidade – *é assim*.

Imaginemos que estamos na praia e o mar está calmo, reparamos que a arreben-tação vai lambar a areia em desmultiplicações de um padrão que vai configurando a diferença na *semelhança*. Deslumbra-nos esse diferir e estabelecemos para ele uma axiologia: quanto mais subtil mais precioso, quanto mais ténue mais espantoso. Mas *agora* o mar embravece-se e todo ele é o *mesmo*, é igual, e é terrível, e todos sabemos o que fazer: fugir e contemplar a tempestade de todos os ontens – à distância. A axiologia inverte-se: quanto mais colossal mais espantoso, quanto mais desmedido mais *autêntico*, quanto mais sublime mais *idêntico*, ou seja, quanto mais inquantificável mais qualificável – antíteses entre a contradição e o paradoxo, extravasantes e extemporâneas com qualquer *escala* valorativa.

Não é o mar / sempre o *mesmo* \ de todas as *perspectivas* e *pontos de vista*, de todos os *locais* e *lugares*, de todas as coordenadas geográficas, mapeamentos geométricos, e topografias geológicas(?) Que fronteiras entre a água d’aqueleoutro Oceano, dest’Outro mar? Onde, quando e como se pacifica o atlântico? São problemas da linguagem, nos sub-extractos *cavernosos* de cada cultura – não são enigmas de ciência, afectam-na e transcêdem-na (pelo “*princípio de razão suficiente*” que certifica a insuficiência da Razão).

Sintonizemos então outro ponto de vista, para uma outra topologia: também o continente está entre, também a ilha é entre, também a *situação* de solo firme intercala os mares como uma interrupção. A interrupção é fonte de forças vitais que nos mostram que *o reverso do positivo é um positivo*, enredado nos paradoxos da negatividade.

Sismografia das Ilhas

O mar apresenta-nos riscos quando o jogamos colocando-o em risco. O mar do arquipélago sofre as investidas de reducionismos que querem acreditá-lo como risco – *ilusório* – da estagnação, que vejam nele o aprisionamento das ilhas num blo-

queio. No mar nunca corremos o risco do impasse, o mar verifica a impossibilidade da estagnação – “fixo” é o que o mar invalida enquanto *permanece* o mesmo mar, na sua fixidade transitória. É na vida terrestre da ilha que se arrisca a substantiação da ilusão do fim (finisterra), do acabamento, da intransponibilidade.

O arquipélago rege-se por *leis* a-estruturais, forças que o reúnem *entropicamente* fazendo das suas ilhas falsos núcleos, falsos centros. Como tudo o que se singulariza as ilhas do arquipélago individualizam-se como diferentes *coágulos*¹¹ de um mesmo sangue, de um mesmo mar. Há uma dispersão valorativa desses “*indivíduos*” – *orientam-se* sem obediência a um norte, mas, não obstante, *ordenam-se* sem nihilismo. Nascem derrotando *a priori* qualquer hierarquização, numa ubiquidade *quasi* impossível – não fosse ela o *real*. Essa entropia mascarar-se-ia de utopia anárquica, não estivesse ela sujeita à lei (arkhé) libertadora do mar (pélagos). Do devir descentrado que o mar impõe como (an)arquétipo ao arquipélago, advêm imagens e representações que não toleram nenhum messianismo porvir.

Um corpo resiste pela presunção de fixidade. Um *sujeito* não só tem de fabricar essa ilusão, como deturpá-la como possibilidade volitiva – fantasia que inconscientemente prescreve para si próprio, inflaciona-a, movimento que terá de manter a todo o custo, como garante da sua subsistência, sanidade e individuação.

Para uma tectónica das pontes

Muitas ilhas dispõem de linhas viárias que as conectam a um continente, mas geralmente não há pontes entre as ilhas dos arquipélagos. Estarão apenas estrangimentos geográficos, geométricos, geológicos, no subsolo desta evidência? É que há “ilhas” muito próximas ou até tremendamente juntas umas das outras, mas onde não se encontra solo firme para um terra-a-terra. Há ilhas uníveis num passo de criança. Há ilhas que comungam de pequeníssimos mares um pouco maiores que a perna do adulto mais grandioso. Há ilhas a poucos metros de distância que estão radicalmente separadas. Há ilhas tão próximas que seria absurdo uni-las. Há

¹¹ Empréstimo de Giorgio Colli.

ilhas tão distantes que se tocam (“globo”). Há ilhas tão antagónicas que são “uma”[:] prova do “todo”. Entre todas elas um *mesmo* “mar de paradoxos” – cliché popular (eventualmente). Há ilhas que distam *diferença*, mas que nos obrigam a rememorar que no fundo do mar mais profundo existe uma Terra *comum* à dos cumes mais hirtos (onde pingam chuvas asperamente doces como gotas de mar e gotejam chuviscos por vezes salgados como pingas nascentes de um *rio*). *Façamos* uma ponte paralela a esse rio – no destino do seu curso já *aqui* estamos – imersos no mar. *Façamos* uma ponte para saber como aqui se *cai*, porque até os melhores nadadores de águas atípicas se cansam no rio revoltado afogando-se ao alcançar o mar aberto. E quanto aos grandes campeões, esses, afogam-se à beiramar quando já nem estão fora de pé. Enterram-se – com pompa e circunstância. *Façamos* uma ponte para saber (d)onde nos la(n)çamos. *Façamos* uma ponte paralela ao pensamento, paralela ao rio e às margens, ao mar e a todas as costas do arquipélago cognoscitivo, que permita uma distância contemplativa tanto com a terra, como com a água. *Façamo-la bem* / simétrica no *meio* \ Equilibre-se essa ponte no *ar*, domesticada pelas correntes das torrentes. Que *técnica* permitiria a construção desse prodígio impossível – onde $\alpha\lambda$ degenera como reacção ao naufrágio que (a) reactiva?

Vivemos numa época em que os biologismos e cientismos apresentam isomorfismos como sustentação de teorias, argumentações e doutrinas¹². A *mimetização* é o garante de sustentabilidade das descobertas científicas, sem *algumas* das quais, *felizmente*, já não podemos, nem sabemos – nenhum de nós – viver. Outras há que permanecem obsoletas desde o seu inovador nascimento e outras *ainda*[,] são perversamente nefastas desde o baptismo). Poderíamos comparar a rede neuronal a um conjunto de ilhas ligadas por pontes – os axónios (*falsas* pontes, pontes fracturadas, pois não dispensam aquelas fissuras “nanoescópicas” onde ocorrem *fisiologicamente* as sinapses). Mas o mais importante a reter desse artificialismo seria que os terminais dos axónios não se ligam *fisicamente* às dendrites, contac-

12 (– “i”. e., todo o “excedente” perpetuamente *indemonstrável* que compõe o que os moderados tão avisadamente denominam como ‘paradigmas’ (polimento terapêutico que ensina a lidar com a *falha* conferindo-lhe o “optimismo” pedagógico típico do cientismo, que os mais leigos, por ironia do destino, ainda confundem com “positivismo”).)

tam mediante a conservação de um intervalo de (neuro)transmissão. Se insistimos tanto em *decantar* epifanias dessas estratégias comparativas, então que se veja a mais evidente (que, como sempre, é a mais violenta, a mais paradoxal, a mais inexplicável, a mais mágica): entre o axónio e a dentrite existe *falha, interrupção, fractura*, e isso é *vital* para a orgânica eléctrica do *tecido* neuronal. Sem essa “cultura biológica” do desmesuradamente “quase”, da (nano)fenda que separa numa (nano)distância inquantificavelmente próxima, não haveria neuro-transmissão. Sem essa micro-desunião não haveria macro-união, não se daria essa passagem química que /nada\ entre nós. (Sem atenção a isto, metaforizamos extensivamente a noção de rede, de teia, de texto, de hiper-texto, transformando os intervalos em nós.) Mas o ambiente que é o pensamento não cede a mimetismos com infinitas teia associativas expansíveis em todas as direcções numa cosmogenia estrutural – não – o intelecto sujeita-se quanto muito a um isomorfismo com o arquipélago.

Ventoso vaguear dos paraquedas¹³

Os paraquedas comungam destes paradoxos e quantos deles não alvejam uma ou outra ilha (acidentalmente, tantas vezes)? E quantas vezes não crêem “*subsumir*” até arquipélagos (como se estes pudessem ser “inteiros” e “completos”)? Quantos alvejam [“0”] *nada*? Um paraquedas plana num “mar de vento”, podemos bem *dizê-lo*, “mar de vento”, há tanto mar no ar e tanto de fluido no vento. *Nata* é a perfeita afinidade dos elementos e das forças da *natureza*¹⁴.

Um paraquedas é apenas parcialmente manobrável equilibrando-se num *jogo* com a imponderabilidade dos acasos naturais. Também a arte joga *naturalmente* com condicionantes que não controla – comigo e contigo – constrangimentos do

13 [n.t: no datiloscrito (brasileiro) original está conservada a diferenciação adaptada entre “paraquedas”, “paraquedas”, páraquedas, e subsequentes variações, conforme se apresentam nesta tradução.]

14 Mais uma curiosidade etimológica (há quem consiga elevá-la a ensinamento): a natureza é nata do nascer do qual é nato o nada. A natura é o que incessantemente nasce, e natural é o nascimento incessante, do nada.

nascem. Joga-as tanto nas profundezas da linguagem como na superfície “temperamental” dos seus *sinais* – tanto nas intempéries da expressão, como na intempestividade do signo.

O pára-quedismo é uma *técnica* de cair amparado, uma tensão paradoxal de contrários: *ser queda sem cair*. Quando um pára-quedista *cai*, algo correu mal – aquilo que é *paraquedas*, seja o que fôr, não (am)parou a queda. Há pára-quebras que “caem”, mas felizmente para nós, “páraquedistas”¹⁵, a maior parte deles “são queda”, i.e., um aterrar – sem voo – desde o momento do salto. A queda de pára-quebras não é um voo, mas também não é uma “falsa queda”, é um “falso-cair”. Não podemos confundir a queda do pára-quebras com a dos pára-quedistas. Estes caem de verdade quando o *tecido* do pára-quebras se rompe, por exemplo – e há sempre um *suplente*, um substituto *que está por...* Mas os pára-quebras, esses, só desfalecem quando o pára-quedista aterriza em solo firme – vivo ou morto –, ou então caem ainda no ar, quando nem abrem, amarrotando-se e embrulhando-se em *circumspectos* novelos desenredados – matando (quase sempre).

A arte também parece provir de uma queda, de baixo para cima, talvez. Mas enquanto o pára-quebras (não) cai, a arte (não) *decai* (embora ambos (*a*)pareçam). Também a arte precisa de *domesticar*¹⁶ a imponderabilidade da queda. Também sofre de uma contradição imanente *similar* à do paraquedas – é verdade não o sendo, é vida não o sendo; é mentira não o sendo, é ficção não sendo. O pára-quedista *intoxica-se* em adrenalina na queda livre, mas o último grau orgástico, atinge-o, quando o para-quebras se abre sem se romper. O artista tem gozo em *enredar-se* na queda livre, mas a satisfação estética da arte, essa, não vem da segurança de *quedar-se*. A linguagem da arte *abre-se*, sim, e é um parapente da maior envergadura (– à *escala* –), mas rompe-se sempre, o simbólico rasga-o. Se a arte se abrisse em

15 Que nessa condição, ainda pedimos aqui aprovação em notas de roda-pé [no meu caso tão excessivas (extemporâneas?)] para as nossas concepções. [*n.t.*: *Paraquedas* é uma revista sobre arte, e por isso o nome é (resignadamente) feliz.] Aqui, estamos mais na condição de *conceber fazendo* do que de *fazer concebendo* – aqui não somos artistas. À semelhança da nota 27, digo isto na lembrança de outras lições, dadas por diferentes arquitecistas e capatazes.

16 *W*, *Culture & Value*.

toda a sua ple^anitude sem um único *furo de fuga*, tornava-se vida dilacerante, espécie de perfeita anti-matéria.

O paraquedista vive o climax da queda, porque é um *falso* cair, é uma *técnica* do cair. O artista não. A queda da arte é um cair com *estilo* – não um *climax* mas um *acme*, uma *falsa queda*.

Há paraquedas que *caem* no mar e a arte é um deles, é um verdadeiro cair no *meio* semiótico, *nunca fatal*, um quedar-se *imediate mente* no *medium*.

O sentido é vago, é justo, a respeito de vagas. Faz todo o sentido ser vago, ser justo, ao sentido das vagas.

Nota inicial:

(Morrer na Preia-mar)

Pretendo somente *expressar* vias de significação numa *apresentação* do *sentido*, mais do que *apresentar* sentidos contextualizados numa *expressão* de significados (logo aqui se sente como quero *dizer* nada). *Sinto* que para isso *devo* « mergulhar [repetidamente] nas águas da dúvida, uma e outra vez »¹⁷. Creio que só assim, di-

17 (W, tradução adaptada da versão inglesa de *Remarks on Frazer's Golden Bough* [c. 1931] editada em 1971.) Esse mergulho deve ser feito em apneia, embora haja quem use sofisticados escafandros. Também há quem apenas boie, e até há quem fique no estaleiro a construir hiates potentes – eu vou de jangada. Mas ninguém está suficientemente imune a perder-se, nausear-se ou asfixiar-se nessas águas turbulentas, pelo que, para além do já referido radar (as cartas marítimas não servem...) aconselho algumas precauções adicionais. Tento aviar-me em terra – como bom aprendiz de marujo que sempre fui – e passo sempre algum tempo a batalhar pelos comprimidos (escolásticos, académicos e não-académicos) para o enjoo. Mas apesar dos meus capatazes me irem indicando os faróis, nunca dou logo com a grande avenida das farmácias certas. Meto-me por atalhos e quando lá chego já encerraram. “Abrimos às 10h”, diz na porta, são agora 9:59 (de Domingo), meto-me ao caminho. É que, como todos os narcísicos, eu sou um bocado hipocondríaca, temo sempre que o meu estômago não tenha estofo para as drageias mais fortes, e nem todas as farmácias de bairro têm pílulas com aquele *tudo-nada* do extracto *natural* que procuro – mais potente apesar de menos corrosivo.

vagando e vagueando para fora de pé, poderei (en)formar as interrogações suscitadas em mim, arriscando perder-me (naufragar por perdição) nas profundidades do questionamento e da inquietação. Imbuir-me-ei, com oportunismo, num espírito (oceânico) de deriva, com a dispersão conceptual e teórica de quem navega (ocio-samente) pelas palavras-conceito que me forem surgindo. Os *contentores* (belos vasos ou urinóis) flutuam, e mais tarde ou mais cedo inundam-se de água, afundando-se. Não aguentam a pressão subaquática, vão-se quebrando, até que explo-dem. Os cacos voltam a emergir, superficialmente, à tona d'água, e agora é nadar para os *coleccionar (cogitare)* e criar puzzles, o mesmo e velho brinquedo intemporal, sempre em novidade, “uma e outra vez”. Não me será permitido, então, assegurar – previamente – ancoragens epistemológicas, na certeza porém que surgirão nos radares interpretativos muitos vínculos e remissões (sintonizadas em mim; no leitor; entre mim e o leitor; ou, preferencialmente, uns em mim, e outros no leitor). Proponho apenas mais um mergulho no *meio* linguístico, uma queda “oceânica” na linguagem, assumindo-a, com efeito, *assim*¹⁸, como um *medium*, um mar, um ambiente – “aquático”, atípico, apesar de tão (“)[estranhamente] familiar”¹⁹).

Jogando-(me)²⁰ à “água” tenho de instruir-me em mergulho durante a própria queda – tenho de cair com *estilo*²¹ quedar-me numa domesticação da queda. Para

18 “Aqui só se pode descrever e dizer: a vida humana é assim.”, constata **W** (*Remarks on Frazer's Golden Bough*) no “lavar da linguagem” (*Idem*) a que o obrigou a reflexão sobre o peso antropológico do cerimonial, dos hábitos, dos ritos, dos cultos. Aqui, abraçar a própria linguagem na sua potencia poética para a “...magia...” (*Idem*), para o “místico” (**W**, *Tractatus Logico-Philosophicus*) (para uma *metaphysica naturalis*) aceitar-se-á como um “...ponto em que se possa dizer: sim, o nosso mundo é *assim*.” (**W**, MS108)

19 *Ing.*: “Uncanny” [Unheimlich (– Schelling) Unheimlich (– Freud) Unheimlichkeit (– Heidegger)]

20 [*n.t.*: No Brasil, “jogar” como sinónimo de “lançar”, “atirar”, normalizou-se no uso corrente. Em Portugal o termo regionalizou-se. O meu avô que é algarvio ainda o usa muito, bem como os meus amigos alentejanos. É um desses “acazos” da homofonia e da sinonímia particularmente feliz para nos fazer sentir como a fala fala da fala. Parece ser assim que Augusta o assume no diálogo com a noção de “jogo de linguagem”, remetente para Wittgenstein, que aparecerá mais à frente.]

21 “O estilo é a [expressão de uma] necessidade [humana] universal vista *sub specie aeterni* [(do ponto de vista do eterno)]”, escreve **W** (MS183, 1930) talvez rememorando palavras do Conde

isso terei de privilegiar como propulsor as forças *poéticas*²² que *animam* a dinâmica vagal, adaptativa, líquida, plástica, do *sentido*. Só assim poderei jogar-me no mar do pensamento, saltando para fora de pé, num cair desamparado que – através do *jogo da linguagem*²³ – se vá disciplinando em mergulho sincronizado²⁴ durante a queda. Partirei do seguinte role de premissas: Se *quisermos*, os significantes aqui em análise [arquipélago, ilha(s), ponte(s), mar] são particularmente dotados²⁵ para auxiliarem, na sua *adaptatividade jogável*, a criação de imagens que representem as matrizes funcionantes da consciência, da mente, do pensamento. Não apenas pela mancha que dispõem – no espaço, no mar – mas principalmente pelas dinâmicas relacionais que permitem imaginar como orientadoras desse desenho,

de Buffon: “Le style est l’homme même” (*Discours sur style*), ou de Schopenhauer: “Style is the physiognomy of the mind...” (“On style”, *The Art of Literature*).

- 22 Entenda-se, os redutos poéticos da linguagem que carregam os signos e os símbolos de *adaptatividade* metafórica e metamórfica. São eles que impulsionam a *imaginabilidade* das *representações* que geram *mundo*; são eles que permitem (re)inventar o real incessantemente fazendo nascer *mundividências*; são as sementes do pensamento em que radicam e de que radicam os actos cognoscitivos. É a sua predominância que engrena a semiose, *induzindo*(-lhe) a sua lógica e tornando-a funcionante. A sua processualidade continuará a perpetuar-se como pouco sondável – ao mesmo tempo prancha de salto, paraquedas e bóia. São redutos irredutíveis da linguagem, que ela já não consegue *nomear* para si própria, elementaridades para a qual já não conseguimos inventar nem atribuir um *nome* – pois parece já não poder haver verbo satisfatório nem discursividade adequada, e que por isso *nomeiam-se* sobre insatisfatórios “ins” – inomináveis, indizíveis, inefáveis, inconceptualizáveis. São por isso os condenadores ao insucesso de qualquer expedição auto-referencial em busca de autenticidade, ao mesmo tempo que são, paradoxalmente, os principais potenciômetros da Crítica – ainda que muitas vezes dissimulados, subjacentes, banalizados ou ocultos – S.*Sem-sentido*, garante do *sentido*.
- 23 (W.) Como já se notou, as afinidades surgem rapidamente, importa apenas apurar o seu cabimento.
- 24 Provavelmente aterrarei no lodo do rio, *julgando-me* jogada em mar aberto. Mas independentemente do porto, gostaria que o jogo da escrita e da leitura insuflasse um paraquedas bem *aberto*, e bem acorrentado, independentemente da corrente, que sentenciasse com um *fim* (feliz, de preferência) o instante de expectativa, comum a todas as quedas livres, em que não se sabe se o para-quedas vai abrir.
- 25 Talvez por permitirem conceptualizar-se mais pronta e imediatamente em noções espaciais e topográficas (digamos que são hipersensíveis ao espaço).

que nunca está estático apesar de aparentar fixidade. A guiar o desenho da mancha do arquipélago está o convénio combativo dos elementos naturais – a mão é a da imponderabilidade natural dos acasos, fazedora das suas insondáveis e (– paradoxo:) anárquicas leis. É no encaço dessa possibilidade para um isomorfismo plástico que pretendo posicionar este texto.

Várias *apropriações* significacionais *convencionar-se-ão* ao longo (e ao largo) do jogar deste *jogo* de *linguagem* que desejo que vá legitimando estas *adulterações*²⁶ na *comunidade* do seu *sentido*²⁷ – *regrando* ao ser jogado. Aos “significantes contextualizados como símbolos” e aos “simbolizantes enquadrados como conceitos” pergunto: o que nos *mostram*²⁸ do funcionamento da linguagem e do pensamento? Com que orientações flui a cadeia significante a partir deles? Como *norteiam* esse fluxo? Enquanto imagens, o que permitem *imaginar* como *princípios* orientadores dos processos cognoscitivos? Que *gramática*²⁹ do *logos* possibili-

26 “adulterações” é aqui um termo correcto. É preciso lembrar apenas que adulteração não significa *erro*. A arte – principalmente – e a filosofia – alguma dela (no seu *poetar*) – estão constantemente testando as “autoridades” que pretendem fazer da *adulteração – poética* – um *erro*. Esses centros de autoria (da autoridade centrada) ignoram (por auto-ingestão de tónicos ascéticos ou científicos) que também os seus mais estimados autores constroem uma mundividência apoiada na (virtuosa) *adulteração*, única forma de actuação da linguagem, do simbólico, da senda representativa em que todos estamos comprometidos gerando *símiles*, *duplos*, *imagens*, *símbolos*, *ficções* – mecanismos *verdadeiros* para apurar a falsidade da Verdade *inapurável*.

27 Disse um dia uma professora num seminário – a propósito de Kant – que, ao contrário do *significado*, o *sentido* é sempre *comunitário*, brota do que se comunga ao mesmo tempo que faz nascer esse *comum* que é comungado numa partilha. O “significado” nem sempre o é – esse sim, pode ser somente *solipsista*, dizia ela. Um dos nomes mais eficazes para essa comunidade deverá ser “*espírito*” – um daqueles significantes absolutos, absolutamente *vazios*, ou seja, inevitavelmente “sem-sentido” (inevitabilidade que se quer manifesta, consciente) (**W**). Espírito é manifesta ou não-manifestamente sem-sentido, é não-referencial, é metafísico, é inobjectificável, e é – por isso mesmo – um dos significantes mais dotados para simbolizar o que nos é intimamente mais *comum* (– que não “*sabemos*”).

28 *Dizer* ≠ *Mostrar* em **W**.

29 Aproprio-me do uso filosófico do termo em **W**, pelo modo como é explorado na que é chamada a sua 2ª filosofia, expressa, por exemplo, nas *Observações sobre o Ramo Dourado de Frazer*, e também, consequentemente, nas *Investigações Filosóficas*. Não querendo fazer destas

tam intuir ao serem pensados nos limiares da articulação da sua amplitude – plástica – na linguagem? Com o que é que *mexem*³⁰, e como o fazem *mexer*? Que imagens permitem figurar para a dinâmica relacional que constitui os nossos processos cognitivos?

Por fim, o que é que as reverberações desses signos, assim encarados – como fendas abertas no simbólico – permitir-nos-ão *dizer* sobre a arte? É que é nela que se potencia esta reverberação da linguagem sobre o seu próprio funcionamento. É nela que se despoleta com maior “eficácia” o exercício destes limites – poéticos – da significação e do sentido – estimula-o em toda a esfera interpretativa, sendo por isso nela, a partir dela, ou por ela que os limites do pensamento adquirem exponenciação *activa* na linguagem. É operando na sua “inutilidade”, que se aprendem os hábitos e ritualizam os cultos que podem permitir situarmo-nos voluntariamente nessas zonas limite da interrogação.

notas um lugar de estudo comparativo, parece-me que a “Gramatologia” com que Derrida baptiza parte da sua “desconstrução” não pode deixar de encontrar eco na noção de gramática em **W** e nos impulsos críticos e tão “desconstrutivos” que moviam o filósofo austríaco face à tradição metafísica do ocidente.

30 **W**.

a) Nota do tradutor

Propuseram-me esta colaboração cativando-me com as palavras-tema “arquipélagos”, “ilhas”, “pontes”. Há coincidências felizes, e durante a minha pesquisa deparei-me com o material que aqui traduzo. Augusta Corrêa é um heterónimo da autora brasileira Germana Loreto [S. Paulo (.Br) 1901 – Helsínquia (.Fn) 1980]. A tradução baseou-se numa comparação entre um fac-símile do datiloscrito original em português do Brasil de 1974, fotografias dos fotolitos finais (matrizes) escritos em francês e impressos pela autora em 1976, e uma tradução (brasileira) destes últimos por Tamara Franco publicada em S. Paulo, em 1988. Foram estes os elementos que tentei cruzar, conjugar e adaptar para português de Portugal (salvo quando a conservação do português do Brasil me pareceu pertinente, ou objecto de ambiguidades propositadas). Refiro ainda que os fotolitos originais estavam policromados apesar do fac-símile não permitir distinguir com rigor nem as cores de fundo de cada *fragmento*, que variavam ao longo do trabalho, nem as diferentes matizes dadas a parágrafos, frases ou palavras isoladas. Tentarei apurar esses valores cromáticos através de pós-produção digital de modo a reproduzir essa particularidade numa publicação futura. A pontuação é a do datiloscrito original, pois a autora assumia-a claramente como elemento significativo da mancha gráfica. O que vos trago são excertos cuja selecção ficou a meu cargo. As notas de rodapé, salvo indicado, são as da autora.